S. PAULO (BRASIL) — Sabado, 30 de janeiro de 1915 — ANNO XIV — N.273

Publica-se aos sabbados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior ha a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegrafico: LANTERNA

Toda correspondencia ao director

Ovelhas e pastores

(Scenas selvagens do Brazil)

As mais das vezes — com o clamôr escandaloso das novidades fortes — a vida rustica das populações centraes desperta, tangida com toda a força pelas fibras emotivas do misticismo religioso, ritualmente fanatico, nervotico e doente.

Ha, por tudo, alfim, uma ressurreição de sentimentalidades latentes: levantam-nas as correntes persuasivas das *santas missões*: despertam-nas desde o plasma celular a mais complicada função vital — o mêdo, similando um intoxicamento que lhes infundem ao povo de simples tabaréos, os gestos maldizentes dos frades missionarios, gordos, vermelhos, a sua linguagem povoada de fantasmas como uma colmeia de maribondos, dura e incorrecta, tropega na sintaxe nacional como um aleijado sem muletas. A' igreja, como a um aprisco, correm os camponios ignorantes, crassamente imbecilizados, como ovelhas atrahidas pelo pasto alimenticio da salvação eterna; e perante as figuras, ironicas e profeticas, dos frades de espessas barbichas bem salientes, compridas como rabos, — prostam-se em multidão, reverentes, doentios os cerebros onde a paranoia geral lhes escalda os nervos, lhes perturba o vitalidade. Rendem-lhes um culto-ardente; não aos principios sacros da fé de que lhe não apercebem o enrêdo metafisico, e sim ao santo pavôr, nelles incendiado pelo poderio beatico dos missionarios, solenes, terriveis, como os carrascos espirituaes dum monarca eterno...

Estes lhes não prègam as doçuras cristãs do paraizo; neles, a humildade triste do Cristo hebraico; o amôr humano; a simpatia racional, tudo isso lhes não adoçam os gestos largos e descomedidos. Principios como esses, na multidão, e eles bem lhes conhecem a psicologia — passariam de leve, subtis, como um vento manso pelas arestas dum rochedo. O povo, em sua maioria de gente rude, é como um liquido, cujo valor se mede pela fermentação: — precisa de imbelicidades para crêr.

Por isso, das latadas, donde pende a imagem morta de Cristo, triste, secularmente explorada pela caterva dos papa-congruas, e muda, como uma pedra — eles, os semeadores de almas, gesticulam improperios contra os descrentes, enodoando aqueles bem acanhados horizontes intelectuaes, como são os de todos os degenerados, no afirmar de *Kraff Ebbing* — com o brilho medroso do inferno apavorador, vermelho cheio de chamas quentes.

Enchem, na vizão espiritual das suas predicas, o mundo de fantasmas, fazendo do homem uma criança imbecil, um idiota qualquer.

Adoram-nos, por isso — no compasso macábro das litanias ferve a nervose nos fanaticos: agravam-se as psicoses, excitados por essas predicas más, como odres que, no afundar, se enchem duma agua suja, venenosa...

Cristo para todos, então, proclamado assim pelos missionarios, senhores — é o Deus do medo, o deus mau, cruel, vingativo, o deus que não abençôa, que castiga, amaldiçoando por qualquer bugiganga, tudo. Apavora: recrudece de espanto: horroriza mesmo n'alma cretina dos tabaréos credulos. E' por isso que Euclides da Cunha proclama o efeito negativo das missões, como uma propaganda má e perniciosa.

Turvam, emporcando-a, a sentimentalidade catolica do povo, criando em torno — famintos, doentes moraes, avergoando a inflexura do caracter dos homens, humilhando-os; escravizados, devotos, fracos, tornam-nos em carolas — esses suicidados das proprias individualidades. Alem disso, essas missões estandartêam a crise, findas; porque as economias de longas datas dissolvem-se em esmolas piedosas para a engorda, ao depois, da sorna sentimental dos conventos vazios.

E são elas as portadoras anti-higienicas das infieiras monocelulares de microbios maus; porque, nesse compacto ajuntamento, as doenças confundem-se num único porejar, num único vomito de imundicias.

Demonstra-o o abatimento economico, especie de atonia social em que tombam as povoações varridas por semanas inteiras de rezarias monotonas.

As crenças evangelicas, prègadas, ha tantos tempos, pelos Anchieta, Apolonio de Todi, Vieira e alguns outros, tristes almas bondosas — empolam-se agora, nas imagens truescas e grosseiras dos missionarios, na sua algaravia cantante de italianos malcriados.

Perturbam-se: desprestigiam-se, destruindo-se quasi, como uma campina brotada de novo na orgia poeirenta dum vendaval assolapador... E se alguem, de maior elevação espiritual, a essas catervas de imbecis impõe algumas vergastadas criticas, insurge-se-lhe o mulherio numa azáfama irritada de histericas no cio, praguejando-o, horrorizadas todas: bailam no ar imprecações de feiticeiras; desenham-se, em torno, gestos indecentes de esconjuros; dentes rangidos, — e por entre eles esvoaçam palavras tremendas duma eterna maldição, — ganem, como lobos esfomeados; e os homens aprontam-se para um desagravo vermelho...

Desta forma, sobre essas multidões impõem-se-lhes com um poderio absoluto — santos e intangiveis — os missionarios. E tão grande prestigio atingem que chegam até a avergastar os homens com o cilicio grosso dos seus cordões bentos; e elles todos, cheios duma volupia sagrada, numa orgia sádica de carinhos rudes — choram de prazer, alegres pela penitencia da tunda: não n'a sentem mesmo. Findas as missões, verdadeiros ataques de nevrose — os frades, com as algibeiras cheias de dinheiro — transitam para outro logarejo, emquanto, com saudades — os fanaticos se estorcem na loucura religiosa, como um bando de loucos num hospital.

Mario Wanderley.

BIBLIA VERMELHA

A degeneração humana é tão grande, tão tristemente aterradora, que com dolorosa frequencia vemos esse povo, promotor de toda a riqueza, produtor unico e positivo de todos os confortos e prazeres — pois que sobre as suas enormes espaduas de Hercules creador e prepotente se afirmam e levantam todos os fundamentos sociais — prosternar-se humilhado ante os grandes tiranos da humanidade e vitoriar freneticamente os seus falsos protetores, colocando-os, nescia e envilecedoramente, sobre os cumes soberanos do supremo poder social dominante...

Homens-creanças: quando abrireis os olhos? Quando?!

Donato Luben.

***

O homem é dominado, mandado, governado, explorado e envilecido pelos seu semelhantes, coisa que se não dá com nenhum outro animal; logo o homem é o animal mais animal da criação.

São Luis Gonzaga.

DA PORTA DE EUROPA

Os ardores bélicos dos governantes

Brito Camacho, chefe dos republicanos «unionistas», tem feito revelações que lançam uma clara luz sôbre o modo como os governos decidem da paz e da guerra e negociam sem cerimónia a pele dos povos.

Verdadeiramente, não há revelações. Já muita gente dizia, à boca pequena, que a Inglaterra não fizera a Portugal pedido algum de intervenção e de remessa de tropas, vendo-se os ardentes guerristas bastante desgostosos com isso.

O sr. Brito Camacho veio dar a êste murmúrio a fôrça e a publicidade da sua situação e do seu jornal, garantindo solenemente que, se a «União Republicana» desfrutasse ou compartilhasse o poder, Portugal, de pleno acôrdo com a Inglaterra, pondo-se aliás à disposição dela, não teria de mandar tropas para os campos de batalha onde se batem milhões de homens.

A Grã-Bretanha apenas disse ao seu pequeno aliado que se entretivesse com a defesa do seu próprio território e das suas colónias próprias, resguardando-lhe ela as costas marítimas; e o documento que foi pomposa e jubilosamente dado como um convite à participação de Portugal na guerra europeia não passou duma aceitação um tanto enfastiada de um oferecimento anterior.

Nos seus cálculos de milhões, o govêrno inglês tem certamente como quantidade desprezável o reduzido contingente de soldados portugueses; e as suas notas distinguem cuidadosamente entre o que foi pedido e o que insistentemente foi metido à cara, — não se vá imaginar, como aliás já começou a dizer a imprensa alemã, que a Inglaterra se vê tam embaraçada e falha de fôrças que até já pede socorro aos mais fracos países...

¿ Chegaremos a saber um dia que interesses de classe, de partido ou de particulares levam numerosos políticos dirigentes a tamanho empenho no envio de alguns milhares de pobres diabos para o matadoiro — um crime, como diz o sr. Brito Camacho?

Estas coisas são rigorosos segredos diplomáticos, embora delas dependa a vida de tantos desgraçados, que não percebem patavina dessas manigâncias e com elas nada podem ganhar. O próprio «livro branco», que o sr. Brito Camacho reclama e que no fundo nada explicaria ao povo, é dado como impossível nesta ocasião... A famosa Razão de Estado é mais uma vez invocada. Mesmo alguns dos políticos adversos a uma espontânea participação de Portugal na guerra acham abusivas as revelações de Brito Camacho, embora êste declare que procurou antes todos os meios de evitar o «crime» sem ter de fazer a sua campanha ruidosa...

Os directamente interessados não teem o direito de saber como os governantes dispõem da sua pele — *sua* dos interessados, não dos governantes. Os ministros, os deputados, os jornalistas falam muito da necessidade de ir à guerra em defesa da pátria e da liberdade; mas em geral não são êles que vão: são os outros. Um jornalista proclama: «O novo govêrno vem de um partido que não se liga com os outros, porque não aceitou a cobardia que êles lhe impunham e porque foi o primeiro a dizer: — Vamos para a guerra!»

Mas aquele *vamos*, primeira pessoa do plural, não se refere ao jornalista nem ao seu partido. O mesmo jornalista, em resposta ao sr. Alpoim, que convidara os guerristas a alistarem-se como êle, já alegou que não ia por ter família a sustentar... Os outros nem respondem: limitam-se a troçar do gordo Alpoim e a caricaturar-lhe o gesto.

No entanto, o soldado moderno, além da técnica e da resistência física, necessita de um ideal, de uma grande paixão: ninguêm, pois, mais bem talhado para tam nobre papel do que os nossos guerristas, abarrotados de entusiasmo e capazes de compreender o alcance desta «guerra de libertação»...

Em vez disso, no melhor da festa, fazem-se substituir por pobres soldados à fôrça. Falam de liberdade, de democracia — e manteem nestes negócios as piores sobrevivências do regime absoluto e do feudalismo: a Razão de Estado, o segredo diplomático, a servidão militar obrigatória!

LISBOA, 28 DE DEZEMBRO DE 914.

Neno Vasco.

A justiça no Evangelho

Entende-se por justiça a virtude que nos impele a dar a cada um o que lhe é devido.

Assim o entenderam todos os povos presentes e passados: assim o definem todos os dicionarios modernos.

E' exacta a definição; negar a alguem o que lhe é devido é uma injustiça clara e manifesta.

Mas esta verdade tem sido coberta pela malicia dum sofisma, e a ignorancia cometeu uma injustiça invocando precisamente as palavras do Evangelho.

Dar a cada um o que lhe é devido é uma formula absoluta que não admite condição alguma que a limite.

Diz o Evangelho que um homem que sentia as fraquezas da carne, juntamente com as grandezas infinitas da divindade, interrogado uma vez sobre se era justo pagar tributo ao Cesar, reparando nas inscrições duma moeda, respondeu: "Dai a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus."

Os comentaristas teologos, tanto catolicos como protestantes, estão de acôrdo ao afirmar que Jesus quiz com isto dizer que a cada um se deve dar o que lhe é devido; isto é, com aquelas palavras quiz exprimir a formula absoluta da justiça.

Que é o Cesar? Um homem de natureza igual á de todos os homens, constituido pela desigualdade e pelo privilegio em dono e senhor dos seus semelhantes.

Que é Deus? Um ser imaginario, pois que os proprios crentes dizem que é sobrenatural e incompreensivel, que se acha fora de todo e qualquer contacto e relação com os homens.

A moeda, como sinal de troca com o qual se pode adquirir tudo, representa a riqueza universal, e como traz o busto e o nome do Cesar, toca ao Cesar segundo maxima evangelica.

A parte moral do homem, o que em nós produz o pensamento, a imaginação, a vontade e o sentimento, considerado pelos crentes como um ser imaterial dentro do nosso ser material, embora a sciencia repudie semelhante dualismo, pertence a Deus, se damos credito ao Evangelho.

Logo, tudo o que o homem descobriu com o estudo, modificou com o trabalho e reservou com a previsão, tem ele que o entregar a um homem igual aos outros homens; e o que constitui a essencia do ser, a parte mais nobre da existencia, tem que o anular para o entregar a um ser imaginario, cuja existencia não se manifesta nem se torna perceptivel a nenhum dos nossos meios de conhecimento, pois que não se vê, nem se ouve, nem se cheira, nem se apalpa, nem se saboreia, nem sequer se concebe por indução racional.

E se a Deus e a Cesar havemos de dar tudo quanto possuimos e quanto somos, que resta para nós?

Se a cada um deles se ha-de dar o que lhe é devido, quem nos dará o que nos é devido a nós?

Assim, temos que dar sempre, sem esperança de que nos caiba a reciproca.

E nem todos dão, ou pelo menos muitos ha que dão o dos outros, reservando para si uma parte consideravel. O privilegiado paga ao Cesar, mas é com parte da riqueza acumulada com a exploração; e com o que para si reserva ainda amontoa patrimonios dignos de se comparar com os dos reis mais poderosos. O sacerdote, como vive isento de todos os encargos sociais, nada dá ao Cesar, nem tampouco a Deus, desprovido de mãos para receber, contentando-se com prègar uma moral cuja existencia se exprime pela conhecida formula: faze o que eu digo, não faças o que eu faço.

De modo que se torna evidente que, com a maxima: "Dai a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus", longe de se estabelecer uma formula universal de justiça, apenas se cimentou a iniquidade.

"E' necessario um Deus para a canalha", disse um filosofo, — não sei se como um conselho aos tiranos e aos exploradores, se como uma excitação á dignidade dos oprimidos e dos explorados.

"O povo reza e paga", disse um pensador para exprimir graficamente a nossa abjecção moral e material.

Nisso veio a dar a justiça segundo o Evangelho.

Não; a despeito do Evangelho, nada devemos ao Cesar. A Terra é nossa, isto é, de todos; são nossas as forças todas da natureza, enquanto as conhecemos e as subjugamos por meio da sciencia; nossas são as riquezas com tais elementos produzidas.

Não; a despeito do Evangelho, não podemos abdicar, por pouco que seja, do que constitui o nosso ser, e se um fanatico que a si proprio se chamou Deus pode dizer "quem quizer seguir-me, que se negue a si mesmo, tome a sua cruz de cada dia e venha", fique sozinho na sua temeraria pretensão, pois nós nada devemos a Deus.

No Evangelho não existe, pois, a justiça.

Nós, como seres humanos, que aspiramos ao desenvolvimento das nossas faculdades, e como trabalhadores, que não queremos repartir o fruto do nosso trabalho com mandriões e embusteiros, detestamos o Evangelho.

A' iniqua formula evangelica podemos opôr outra, não revelada por poder sobrenatural algum, embora absolutamente racional e justa:

"Não ha deveres sem direitos: não ha direitos sem deveres."

Anselmo Lorenzo.

A continuidade da submissão sem limites e sem treguas acaba por quebrar toda a energia moral, por embrutecer o homem num servilismo canino.

Ch. Letourneau.

O PADRE

A caridade, essa sublime virtude que tem um certo poder sugestivo no meu coração, criando nele os poemas do sentimento e as epopeias do sublime, é desprezada pelo padre. O poeta, idealista culminante, apostolo fervoroso da religião do amor, faz-lhe da alma um templo, do coração um sacrario e do peito um altar e tece-lhe, no tear da ideia, uma iliada de triunfos, de glorias coloridas com as tintas do sentimento e doiradas com o sol do genio.

O escultor, incensando-a com os ideais perfumes da sua alma, apresenta-a á contemplação, mostrando assim que a todos pode estreitar no amplexo do bem.

O pintor fa-la reviver na sua tela e mostra, a essas almas iscadas de lepra, hipertrofiadas de miserias e roidas de vaidade, que ela é o Evangelho Social.

Para mim, que oro na catedral do Infinito, a caridade é uma ostia d'aurora e o peito que a acalenta um céu estelifero.

Pois para o padre é uma palavra vazia de sentido.

Ele, que foi a maior causa da mobilização de pensamento nos povos latinos, envolve em rancor tudo quanto é nobre, anatematiza tudo quanto é grande.

Recebeu a sciencia com a fogueira do chamado Santo Oficio e meteu nas masmorras fedentinosas os apostolos da liberdade.

A justiça para ele não é o cerebro que pensa e o coração que sente, é a mão que, por uma interferencia brutal de poderes, por uma organização abusiva de influencia e de pressões que um habito condenavel transforma em principio corrente, cumpre e executa a iniquidade que uma maldade impôs.

A igreja, humilde no seu inicio, com os seus martires cheios de fé e de crença, tornou-se em pouco tempo arrogante e prepotente, espantando o mundo com o seu fausto e não raro com os seus crimes e os seus vicios — crimes os mais repelentes, vicios os mais hediondos.

Que o diga a reacção, filha desses tempos, cujos manejos, umas vezes esmagados e outras vitoriosos, semeiam ainda hoje, entre os homens, a discordia, num tumultuar infrene de paixões e de ambições, que tudo pode ser, menos a exemplificação das Doutrinas de Jesus. O que foi a Reforma senão o grito das consciencias revoltadas deante dos abusos e das perversidades da côrte de Roma? O que é a historia da Idade-Media senão o quadro extraordinario e por vezes sangrento das lutas do papado e do poder secular, em que a igreja, passo a passo, impôs a sua vontade e o seu dominio aos povos e aos reis?

Quantos crimes e quantas infamias, quantos latrocinios e quantas baixezas têm praticado em todos os tempos o jesuita de sotaina ou de casaca?

As guerras religiosas, mais do que nenhumas outras, ensanguentando o mundo, antes e depois que

FRANCISCANAS

Leitores: Era uma vez...
Um frade que, por ser frade,
Saía de noite, ás dez,
Do Convento da Irmandade.

Não vejo nada de amal
No fazer do nosso frei,
Pois isto é tão natural
E não está fóra da lei.

Porêm um zum-zum corria
Na boca do Zé-Povinho:
Falavam na Freguezia
Dum amor do capuchinho.

A noticia desse amor
Espalhou-se na Abadia,
E incontinenti o prior
Acabou com a folia.

Foram fechadas as portas
Do Convento da Irmandade,
Para que nas horas mortas
Não saísse nenhum frade.

S. Carlos — 1915.

Alfredo C. de Souza.

Jesus prègou a paz, aniquilando imperios e esmagando povos, o que têm sido senão o mais completo desprezo pela inviolabilidade da vida humana?

O padre afirmava que toda a sciencia estava nas escrituras. Foi então que se estabeleceu a sciencia sagrada e a sciencia profana. Surgiu a luta, porque se formaram dois partidos. Um guiava-se pela razão, o outro pela revelação.

No Egito rebentou uma disputa sobre o misterio da trindade.

Lá porque alguem disse que, em certo paiz do Oriente, uma mulher concebeu e deu á luz sem cópula, a clericalhada lançava o anatema e dava penas eternas a quem não acreditasse.

Eu nunca acreditei, porque a geração é dependente de um acto fisico e todo o resultado material deve ter uma causa material.

Não acredito na supremacia espiritual do papa, em que nem mesmo os catolicos podem crer, porque a ela se opõem os textos dos livros apostolicos, e muito especialmente as Epistolas de S. Paulo.

Não creio na eucaristia, porque as substancias me são conhecidas pelas suas propriedades; e as propriedades do pão subsistem após a benção sacramental. Os providencialistas, os homens que admitem a teoria da graça como adoçamento da teoria da queda, vêem isto com rancor.

Mas, como ia dizendo, no Egito rebentou uma disputa e a doutrina tornou-se violenta, reunindo para a acomodar o concilio de Nicea. Teodosio instituiu os inquisidores da fé e ordenou que quem não pensasse como Damasio, bispo de Roma, e Pedro, bispo de Alexandria, fosse condenado a desterro e privado dos seus direitos civis. Mas o que é a trindade catolica senão a trindade de Brahma, Shiva e Vischnou, as tres formas da existencia universal, não é senão a trindade de Buda, Dharmas e Sanggha, senão a trindade vedica de Savitri, Maya e Vayan-Savitri, que no ventre da virgem Maya e por inspiração de Vayan — o vento — se tornou aqui — fogo celeste?

As proprias doutrinas do Cristo são um plagio, mais ou menos perfeito, das Doutrinas da India Sagrada.

E áparte a imitação, que absurdo em todos os misterios ou dogmas!

Que atropelo á sciencia, que atentado contra a razão!

Depois das descobertas scientificas o sistema religioso baqueou cheio de ridiculo com todas as suas teorias e explicações da criação do mundo, do nascimento do homem e da evolução da especie.

As descobertas geologicas, de tamanho auxilio á antropologia, que por vezes as duas sciencias se confundem, como esta se confunde com a historia e a historia com a sociologia, confirmaram os trabalhos de Schmerling, e deitaram por terra a lenda da criação, bebida por Moisés nas tradições indianicas que os imigrantes trouxeram para o Egito, e a lenda do insulso Adão e da sensaborona Eva.

Darwin, reconduzindo o homem á sua verdadeira origem de pura animalidade, deitou por terra a lenda biblica do *Jehovah* oleiro, fabricando homens de barro e mulheres de costeletas de Adão. A biblia atribue ao nosso planeta, de que a lua é o satelite, seis mil anos, quando está averiguado que seriam necessarios nove milhões d'anos só para formar as camadas profundas da bacia hulheira de Northumberland.

Lubock diz-nos que foram necessarios 150 milhões d'anos para que o Weald ficasse nú de montanhas ou fosse reduzido a vale, calculando que uma montanha de 500 pés de altura diminuisse uma polegada por seculo. Bischof demonstrou que nem menos de 350 milhões d'anos foram necessarios para que a terra descesse á temperatura actual. Buchner igualmente prova que as camadas terrestres precisaram de 500 a 700 milhões de anos para se costituirem na forma que geologicamente apresentam. O geologo inglez Vivian, por uns restos humanos que encontrou na caverna de Kent, perto de Torquay, sustentou, com dados incontestaveis, que o homem, contemporaneo dos elefantes e dos rinocerontes, existia já na Inglaterra ha 264.000 anos.

O homem existiu, sem duvida, antes do fim da época terciaria. O patriarca das sciencias biologicas calcula o aparecimento do homem primitivo em sessenta milhões d'anos antes de nós. Que grande diferença vai para o que nos aponta a igreja, que diz que *Deus fez o mundo em seis dias, e até hoje ainda não fez mais nada.*

Albino Bastos.

Os grotescos

A guerra desenvolveu nos paizes beligerantes os sentimentos baixos e ferozes, assim como a toleima dos homens. A este proposito, diz *La Bataille Syndicaliste*:

"No fim da guerra, poderá fazer-se um grosso volume, uma especie de livro de oiro de todos os grotescos que neste momento deixam redea solta á sua imbecilidade, não refreada por censura alguma. A censura, pelo contrario, abre-lhes a via, sufocando todo e qualquer pensamento elevado e pondo os ao abrigo de qualquer critica e de qualquer ironia. Mas que colecção a pregar com alfinetes, desde o que se dedicou a demonstrar que Beethoven não era alemão, mas belga, até aquele que quiz presentear o exercito com um fornecimento de bacalhau sêco, com a condição de ser o bacalhau comido á sextafeira!... A nossa época está acumulando infamia e ridiculo que hão de chegar para enojar e fazer rir ao mesmo tempo as vinte gerações mais proximas."

Noutro ponto, observa o mesmo jornal:

"O sr. Renato Doumic é dos que não querem distinção entre a Alemanha intelectual e democratica e o militarismo prussiano. A Alemanha filosofica, poetica, sonhadora, familiar, humanitaria, só existe nos livros de Madame de Stael — a dar credito ao academico. Que diria o sr. Doumic, se algum pangermanista afirmasse numa folha d'além-Reno que a França artistica, generosa, humana e gloriosa é uma fabula e que só existe a França de Marcel Prévost, Paul Bourget, Léon Bonnat, René Bazin e do mesmo sr. René Doumic? A França felizmente, tem representantes mais gloriosos do que esses senhores".

Opinião dum anarquista inglez

Os efeitos da guerra sobre a fé religiosa

Já não faltam indicios de que, como consequencia da guerra, está sendo reconsiderada seriamente toda a questão do deismo. Nada temos que perder, mas tudo que ganhar, com tal exame. E isto não obstante o facto de em certas partes — especialmente em França — haver uma revivescencia temporaria de superstição. «Se Deus é um deus de amor e de piedade, porque permite esta terrivel guerra?» Tal é a pergunta que de todos os lados se faz. E não é provavel que estas duvidas sobre a omnipotencia e amor divinos sejam aquietadas pelas defesas desesperadas e contraditorias que enchem as paginas da imprensa religiosa. A tarefa de justificar as vias de Deus para com o homem — nunca facil para o teologo vulgar — apresenta hoje dificuldades que põem á prova até ao ultimo grau a sua habilidade teologica. De facto, as suas explicações não fazem senão agravar a sua má postura.

Assim, dizem-nos que a guerra foi mandada como castigo dos pecados do povo inglez. Sejam quais forem as iniquidades nacionais dos ingleses, todos estão de acôrdo em reconhecer a inocencia nacional dos belgas. Contudo, parece que no caso da Inglaterra a justiça divina se contenta com um aumento da contribuição sobre o rendimento e ulteriores impostos sobre o chá e a cerveja, ao passo que os inocentes belgas que sobrevivem a esta manifestação da colera de Deus teem que assistir á desolação do seu paiz, á destruição das suas cidades e lares e á chacina dos seus desgraçados compatriotas! Além disso, se o Kaiser deve assim ser tomado como instrumento da «justiça» de Deus, os seus dizeres «blasfematorios» são justificados pelos seus inimigos clericais.

Com pena me abstenho de dar outros exemplos de raciocinio clerical. Ha, porém, um argumento escolhido, digno de menção: é uma teoria acolhida com muito favor pelos devotos e da qual se diz que conquista muitas adesões. Segundo ela, a guerra e males concomitantes devem-se ao facto de «ter sido desencadeado o Demonio». Falta-nos o espaço para desenvolver esta notavel hipotese e formular as muitas dificuldades que ela suscita...

Podemos, pois, confiadamente esperar que um dos resultados da guerra será tornar a ideia de «Deus Padre Omnipotente» uma concepção impossivel nas mentes da parte mais inteligente do operariado europeu, tornando-o portanto mais acessivel aos ensinamentos anarquistas. A experiencia prova que o temor de Deus, longe de ser o principio da sabedoria, é o começo da ignorancia e da superstição, é certamente a base do culto do feitiço Estado e da sujeição á classe capitalista. E' portanto dever nosso abalar essa ilusão e facilitar assim a destruição das outras.

A guerra em todas as suas fases é a mais frisante lição de coisas que se ofereceu á propaganda revolucionaria nos ultimos cem anos. Podemos indica-la como a mais forte justificação da nossa guerra á religião, ao Estado e á moral capitalista. O mais selvatico pesadelo jámais concebido pela desordenada imaginação dum inimigo nosso quanto aos efeitos duma «revolução sangrenta» ou da «destruição da sociedade por anarquistas sanguissedentos», de que tanto ouvimos falar até aqui — mas que os nossos adversarios terão decerto vergonha de mencionar para o futuro — empalidece na mais completa insignificancia ante a abominavel realidade do inferno de sangue, carnificina e bestialidade em que os desgraçados povos europeus foram precipitados pelos seus governos capitalistas cristãos.

... Nesta guerra estão sendo destruidos os fundamentos mentais da sociedade capitalista. Aos revolucionarios cumpre compreenderem este facto e contribuirem para essa destruição com todos os meios ao seu alcance. Cabe-nos o assentamento das bases mentais duma forma social mais alta e mais nobre do que a que marcha cambaleante para a sepultura nas trincheiras ensanguentadas da Europa.

O ideal de Deus será substituido pelo ideal de humanidade; o Estado com as suas tiranias pela comuna anarquista com a sua liberdade; a guerra com suas indescritiveis atrocidades pela fraternidade entre os trabalhadores do mundo unidos numa verdadeira e imorredoira paz.

Otto Leroy.

Infame exploração na Noroeste

Falta de pagamentos — Comestiveis carissimos — A petulancia do parasita Melo Machado

Entre as estradas de ferro que exploram e roubam os seus operarios, a Noroeste é uma das que sempre se têm destacado, pois o sr. Machado Melo, como bom burguez, tem sido um dedicado *amigo* dos seus trabalhadores. Como prova basta recordar a greve do ano passado em que ele por telegrama dizia: "obrigue-se a trabalhar o pessoal pela força", apezar de ha nove mezes não lhes ter feito pagamento! Mas os operarios, num gesto nobre, altivo e honroso, responderam á insolencia velhaca e atrevida do cidadão Machado, que no Rio vive cheio de confortos e comodidades e quando eles viviam passando necessidades, sofrendo as perigosas febres e alimentando-se a bananas, quando as encontravam!

Responderam-lhe de cabeça levantada, que não iriam mais para o serviço enquanto não fossem pagos integralmente, e do contrario dariam graves prejuizos á companhia, danificando a linha, maquinas, canos, e pena foi que não o fizessem, pois que agora não estavam novamente abusando da sua bondade. A violencia deve ser praticada sempre que os exploradores a isso nos obriguem. Nada de vacilações nem medo dos cafagestes da policia, procuremos boas armas e enfrentemo-los heroicamente quando for preciso. A Companhia Noroeste com o pretexto de crise (a capa dos patifes e sem vergonhas), já ha quatro mezes que não faz pagamentos e além disso os generos que fornece ao pessoal são por preços escandalosos. No armazem de Araçatuba estão vigorando os seguintes: quinze kilos de toucinho, 22 000; uma saca de farinha de trigo de terceira com 45 kilos, 22.000; um saco de arroz de terceira qualidade, 28.000; um saco de 50 kilos de batatinha, 30.000. O trabalhador que tiver familia, não ganha para mante-la, nem mesmo a meia ração!...

Actualmente as pessoas que sairem da Estrada, por qualquer circunstancia, não recebem o seu dinheiro; têm que aguardar o pagamento... Isto dá-se no paiz *mais rico do mundo e onde o trabalhador goza de maiores regalias*... pelo menos a de morrer de fome...

A.

AOS ASSINANTES DE S. PAULO

Começámos ontem a proceder á cobrança das assinaturas da cidade, estando encarregado desse serviço o sr. Lino Garrido.

Confiamos na boa vontade dos nossos assinantes para que o resultado desse trabalho corresponda ás necessidades de nossa administração, agora a braços com as grandes dificuldades oriundas da crise.

Os amigos do jornal que não puderem ser facilmente encontrados, farão o obsequio de deixar em casa a respectiva importancia, para poupar trabalho ao nosso cobrador.

DEUS PARRICIDA

Eu sabia, disse Tomaz Paine, que as leis inglesas e norte americanas condenavam á morte um pai que tivesse assassinado ou deixado assassinar seu filho, podendo impedilo. Hoje ainda o parricidio é punido com a morte. O Deus dos cristãos enviou á morte seu filho Jesus e deixou que o matassem, podendo opor-se a isso. Portanto o Deus dos cristãos cometeu um parricidio e merece a forca.

Servir, adorar um parricida, prestar-lhe culto é abominavel; é, pois, abominavel servir, adorar um Deus parricida, render-lhe culto.

Por outro lado, porque mandou Deus assassinar seu filho Jesus? Porque esse Deus não quiz perdoar o enorme, o imenso pecado de terem comido um fruto vedado a Adão e Eva, e porque era preciso pagarem os seus descendentes esse delito. Mas em vez de os obrigar a pagarem, mandou do céu seu filho Jesus para que eles o matassem, e graças a esta morte perdoou-lhes a falta que eles não tinham cometido. Haverá coisa mais absurda do que isso?

Finalmente, diz Paine, ha milhões de milhões de astros no espaço; a Terra é um dos mais insignificantes. Contudo, os padres garantem-nos que o criador de todos esses astros quiz sacrificar o seu proprio filho só porque um homem e uma mulher, neste astro insignificante, comeram uma maçã. Em lugar de admitir tal enormidade, devemos declarar que os padres que a sustentam são miseraveis impostores.

João Serapio Lois.

A GUERRA E OS CLERICAIS

Guilherme II declarou-nos a guerra. E' exacto. Mas enquanto se preparava raivosamente para isso, os nossos clericais e reacionarios provocavam-no nas colunas das suas folhas belicosas.

Se, desde o inicio das hostilidades, os jornais bem-pensantes, registando um despertar do sentimento religioso, teem afirmado que se vai fazer a reconciliação da França com o papado, que homem de boa-fé ousaria negar que, nas reuniões de certa sociedade, ouviu atribuir *á guerra a capacidade de realizar essa reconciliação?*

E, segundo não se esqueciam de garantir os oradores, tal acôrdo era muito mais desejavel para a França do que para a Igreja, pois a França sem a Igreja havia de ser presa do Socialismo.

Eis em que termos nos era apresentado o socialismo:

"... E' a sintese de todas as impiedades, de todos os absurdos filosoficos, de todas as extravagancias economicas e sociais que jazem no fundo do sistema liberal. E' o filho legitimo do Liberalismo, tendo este sido gerado pelo Racionalismo. Invade hoje a sociedade moderna, maravilhosamente preparada para cair sob o seu jugo degradante. E' o flagelo de que Deus se serve para reconduzir o mundo á senda da verdade e do bem, ou noutros termos, á senda do catolicismo..."

Numerosos e variados eram os remedios contra o socialismo infernal:

"... Em primeiro lugar a guerra; para lançar a França nos braços da Igreja é necessaria a guerra, essa sacudidora dos espiritos timoratos e das almas sonolentas. Uma vez trocado o beijo de aliança, o resto virá como aditamento!..."

Eis o que eu ouvi, não uma, mas vinte vezes, nas assembleias de homens que se diziam perseguidos, não podendo ser livremente perseguidores. Mas se já cá temos a espantosa guerra que as mães amaldiçoam, o despertar religioso ainda parece lento demais para o desejo dos agentes de Roma; é preciso afirmar esse despertar por meio de estatisticas de numerosas conversões e mortes edificantes. Por isso, os capelães, religiosas e enfermeiras devotas intrometem-se com afinco na consciencia dos feridos, com presentes de pacotilha e enfadonhos padrenossos.

E nada deterá os clericais, se das fileiras do proletariado não se erguer um clamor de reprovação e ameaça; nada prevalecerá contra os seus culpados manejos, se os feridos, debilitados pelo sangue vertido nos sulcos da terra de França, continuarem sem protecção, se a sua consciencia não for resguardada contra os perfidos empreendimentos.

Se os nossos socialistas fossem á igreja, haviam de ter ouvido, nos primeiros dias de outubro, ao fundo duma capela lateral dum templo parisiense, uma sugestiva alocução dirigida a mulheres que com demasiada facilidade se podem acercar dos doentes e dos feridos. O prègador parafraseava untuosamente este texto biblico:

Profecit Israel bonum, inimicus persequetur eum.

Será preciso explicar que Israel, isto é, o povo, tendo rejeitado o clericalismo, dele fizera seu inimigo?

Este inimigo deve, pois, perseguir o povo e força-lo nos seus ultimos entrincheiramentos, que são o sofrimento, a chaga hiante, a agonia do faminto.

Ide de vez em quando á igreja, cidadãos socialistas; ide ali como observadores despercebidos. Arranjai um pouco da bonomia de Basilio, para que não sejais notados, e escutai. Não perdereis o vosso tempo.

Paris, dezembro de 1914.

Jacques Montmorot.

Secção amena

Uma folha clerical, Pèlerin, biografando S. Bonfilho Monaldi, escreve:

«E' de notar este facto: logo que S. Bonfilho soube balbuciar algumas palavras (mamava ainda), consagrou se espontaneamente a Deus e tomou a resolução de em tudo imitar a Virgem Santissima...»

O que?! Tambem concebeu por obra e graça do Espirito Santo?!

♔ ♔ ♔

Um amigo dum cardial perguntou a este por que razão tinha uma bela casa de campo aonde nunca ia. Resposta do cardial:

— Você não sabe que devemos ter sempre um sitio aonde nunca vamos e onde imaginemos que haviamos de ser felizes se lá fossemos?

E o amigo, maliciosamente:

— Bem sei: é a isso que os padres devem a sua riqueza e o seu poder... A sua casa de campo é como o paraiso...

♔ ♔ ♔

O capitão repreende um marinheiro porque este não cumprimentou o capelão de bordo:

— Você não sabe que o padre é o representante de Deus na terra?

— Na terra pode ser, mas aqui estamos no mar.

♔ ♔ ♔

O confessor:

— O seu dever de boa cristã seria recusar qualquer prazer durante a quaresma, para mortificação.

A confessada:

— Nesse caso, vou adiar o meu divorcio para depois da pascoa.

Os sem trabalho e a policia

Segundo a imprensa burguesa, o sr. Eloy Chaves, chefe de policia cá do burgo, fez baixar uma circular, recomendando aos seus subordinados a perseguição aos vadios que perambulam pelas ruas e logradouros publicos.

Este estafado argumento de querer confundir operarios desempregados com vadios de profissão é já velho e não nos impressiona demasiado.

Pena é que os proletarios não compreendam o jogo da policia e dos politicos e não procurem acabar com uma sociedade que obriga os trabalhadores a serem vadios forçadamente, por falta de quem lhes alugue os braços onde empreguem a sua força, a sua habilidade e actividade.

O governo, na ancia de povoar o paiz á força, manda comissões de ouro á Europa encarregadas de propalar aos quatro cantos do universo que o Brasil é um paraizo terrestre onde ha arvores de patacas, o que o unico trabalho dos europeus ao cá chegarem é unicamente sacudi-las, apanhar os cobres no chão, embolsa-los e voltarem, quais outros nababos, ao paiz de origem dissipar loucamente o que tão facilmente adquiriram.

Ora, ao arribar-se a este paiz o quadro é bastante mais tetrico. Não só se não ganham rios de dinheiro trabalhando, achando onde empregar a actividade, como falta o trabalho extraordinariamente, vendo-se um trabalhador obrigado a andar de chapéu na mão de Herodes para Pilatos, a pedir, a suplicar que lhe aluguem os braços a troco de misero, de ridiculo salario para não morrer de fome. Pedir trabalho como se fosse esmola!

Mas com a crise que vem assolando o mundo ha 6 mezes, com a guerra que se fere na Europa, então as desgraças, a miseria do mundo operario subiram de ponto, atingiram o auge, tornaram-se uma calamidade. Ninguem tem trabalho certo, seguro; não ha casa operaria onde todos ou quasi todos os seus membros não estejam de braços cruzados, não desejando senão ardentemente encontrar trabalho, qualquer serviço para arranjar um bocado de pão; não ha tugurio, cortiço ou choupana que não tenha, nesta quadra dolorosa, sentido os horrores da fome, da falta de trabalho e de credito...

Os chefes de familia, os operarios velhos ou novos não hão-de por este facto ficar encerrados dentre de quatro estreitas e acanhadas paredes contemplando o triste quadro da miseria domestica, ouvindo os soluços, os gemidos e as suplicas dos filhos pedindo pão!

Saem, perambulam pelas ruas, sentam-se nos bancos desses largos e jardins pensando talvez que esta sociedade é bem hipocrita quando diz que "a preguiça é mãe de todos os vicios" e obriga tantos milhares de braços a uma preguiça forçada, obrigada, vexatoria.

E a isto chama a policia e a imprensa apaniguada "vagabundagem", "vadiagem" e outros titulos deprimentes. Tenham pêjo, senhores! Não procurem tapar o sol com a peneira, por favor!

Não afrontem a dignidade dos miseraveis!

Sim; já sabemos onde lhe dóe. Conhecemos onde lhe aperta o calo. Esse espectaculo é pouco edificante para os estrangeiros que nos visitam, para os diversos Caillaux que atravessam o Oceano para observar o desenvolvimento economico e industrial deste paiz. Mas tenham paciencia. Apezar de tudo, é impossivel prender todos os desempregados que existem. Depois de todas as prisões cheias, ainda hão-de ficar os suficientes que documentem as falhas e os crimes desta sociedade corrompida.

E vós, operarios, continuareis a assistir impassiveis ao desenrolar desta tragica e tetrica fita, sem procurardes unir-vos, discutirdes em comum as comuns miserias e procurar os meios de pôr um paradeiro a esta situação insustentavel, miseravel e vergonhosa?

Continuareis a morrer de fome e a passardes por vagabundos, ou tereis uma sacudidela energica e vingadora de modo a fazerdes valer o vosso direito á vida?

Associai-vos, organizai-vos, defendei-vos!...

OS VENDEDORES DE JORNAIS

E' para nós motivo de regosijo cada vez que se organiza uma classe em sindicato profissional, que tenha em mira o melhoramento material, moral e intelectual de seus membros.

De dias para cá está preocupando a varios jornais a organização duma associação dos vendedores de jornais em S. Paulo, e que se intitula, «Associação dos Vendedores de Jornais de S. Paulo».

O numero de vendedores em S. Paulo é aproximadamente de 500, desde o velho á criança de 7 ou 8 anos, destas, muitas obrigadas pelos proprios pais, outras, a maioria, por necessidade de ganhar o pão cotidiano.

O serviço da venda de jornais é feito da seguinte forma: o «despachante», como lhe chamam, recebe o jornal da empreza, e, por sua vez, o vende aos vendedores, dos quais alguns teem os seus «pontos» ou «zonas» e aí servem a sua freguezia. Nos bairros, os que teem «ponto» por sua vez teem «gavroches» que os ajudam a gritar os jornais do dia, espalhando, assim, as «verdades» dos grandes rotativos.

Como compreenderão os nossos leitores, a organização desta classe é duma importancia extraordinaria, pois, desde que estejam agremiados e sejam solidarios, da atitude dos vendedores dependerá em parte a vida de qualquer jornal, sobretudo se fôr diario.

Ora, nós não podemos deixar de aplaudir a iniciativa da fundação da Associação, porêm queremos ser francos, com os nossos amigos vendedores, como o fomos quando tivemos ocasião de falar á respectiva directoria.

Como classe, tendes o direito e deveis organizar-vos e tratar directamente dos vossos interesses: regulamentando o trabalho, o salario e procurando destruir toda e qualquer injustiça de que sejais vitimas, venha ela donde vier. Assim procedendo, conseguireis alevantar o nivel moral e intelectual, e maior soma de bem-estar para os componentes da classe.

Para conseguir isto, preciso é que todos estejam agremiados, unidos, na associação. A associação já está fundada, porêm os seus estatutos se resentem em parte de faltas muito graves para uma sociedade desta natureza.

Entre outras, a clausula que mais nos preocupa é a seguinte:

Quando fôr dado á publicidade em S. Paulo algum jornal de oposição, a directoria, de comum acôrdo com o consultor-juridico da Associação, resolverá a conveniencia ou inconveniencia de ser vendido o mesmo pelos socios vendedores de jornais.

Os proprios vendedores, na ancia de melhorar as suas condições e garantir os seus salarios, não mediram o alcance desta clausula e aprovaram os estatutos tal como foram compilados, sem terem reflectido bem sobre as bases fundamentais da Associação.

Esta clausula envergonha a sociedade e coloca-a na posição de traidora dos proprios interesses morais e materiais dos vendedores.

Vamos prova-lo com argumentos.

Suponham os vendedores que amanhã surge um jornal de oposição, que procura dizer a verdade, elucidando o povo e procurando orientar a opinião publica sobre todas as questões de interesse coletivo, garantindo assim as liberdades conquistadas e conquistando outras. Pela sua natureza este jornal tem que ser procurado pelo povo.

Eis aqui a ocasião, o momento em que o consultor-juridico da Associação, se é pouco escrupuloso, aproveita a oportunidade, vai ao governo e diz-lhe:

— Eu, na qualidade de advogado da «Associação dos Vendedores de Jornais de S. Paulo», me proponho a fazer cessar a publicação desse jornal, deliberando em assembleia que ele não deve ser vendido por este ou por aquele motivo; mas este trabalho deve ser bem pago.

O governo, ou a policia, acede, porque lhe convem que não haja jornais que digam a verdade toda, que defendam as liberdades publicas e descubram as maroteiras dos potentados. Convencidos desta necessidade escorregam com o cobre para o advogado.

Este, por sua vez, procura então convencer a directoria da Associação, iludi-la, desta ou daquela forma, e se ela não está compenetrada da sua verdadeira missão, será lograda. E como na clausula se diz que a directoria e o consultor-juridico são suficientes para resolver este assunto, ver-se-á a classe toda privada de vender um novo jornal, contribuindo a directoria, desta forma, para o prejuizo material da Associação e da classe em geral.

Sobre o ponto de vista moral esta clausula é um atentado á divulgação da imprensa e em nenhuma parte do mundo ha associação operaria que tenha tal disposição nos seus estatutos. E' preciso, pois, que esta disposição dos estatutos seja imediatamente reprovada por uma assembleia geral de socios.

O dr. Joaquim Coutinho, quando organizou os tais estatutos, não mediu o alcance desta clausula, não soube o que fez ou, por que não dize-lo? procura aproveitar-se da Associação para os seus interesses pessoais, ludibriando a boa fé dos vendedores de jornais.

Se está em boa fé e quer o engrandecimento desta classe, como diz, é preciso que seja o primeiro a pedir a revogação da tal clausula. Se ele se opuzer a tal, temos o direito de duvidar da sua sinceridade.

Antes de tudo os vendedores devem ter em conta a sua dignidade e por isto apelamos para o bom senso da directoria e dos associados, para que na primeira assembleia revoguem tal disposição, que enxovalha a dignidade de toda a classe.

Feito isto, devem procurar congregar todos os vendedores, sem exclusão de nenhum, e todos unidos, como uma só familia, lutar para conseguir a maior soma de bem estar e liberdade.

Religião e discussão

«Não se pode discutir sobre religião», é um aviso que vemos, não muito raramente, pregado nos logares onde ha ou vai haver uma reunião de individuos de ideias religiosas diferentes; afim de evitar atritos graves e serios, que poderiam advir de discussões futeis entre apologistas de ideias diversas, outros mais previdentes, vão logo colocando cartazes proibitorios na certeza de se precaverem dos ataques insolitos, e ao mesmo tempo imunizarem a futura ou presente reunião das discussões inuteis.

A ideia de se falar sobre religião já está pouco a pouco caindo dos costumes da nossa sociedade e actualmente não ha individuos que, tendo-se em conta de bem educado, tenha o desplante de provocar em um salão discussão sobre ideia religiosa.

Infelizmente a boa educação e'o aperfeiçoamento dos habitos sociais fizeram cair esse belo assunto das animadissimas discussões de outrora, que eram uma fonte copiosa de inimizades e intrigas que surgiam no seio das familias.

Essas discussões entre adeptos de religiões diversas, por vezes violentissimas, tinham um só fundo de bom: era a expansão da liberdade de pensamento, origem da bela e conscienciosa doutrina do livre pensamento; mais frequentemente essas mesmas discussões produziam resultados os mais destampatorios, pois a falta de dialetica de muitos advogados das causas nobres davam o ganho a outros partidos que se arvoravam, com inclemencia, em vencedores.

«Todas as religiões são boas, afirmavam categoricamente os nossos avós, quando queriam pôr termo a uma discussão acalorada que pretendia desobedecer ao codigo do bom-tom.

Actualmente completamos essa frase arrematadora da eloquencia dos defensores de ideias tolas da seguinte maneira: Todas as religiões são boas, o erro está em pretender pratica-las.

Dizendo assim, nada mais fazemos do que recordar uma definição de religião ha tempos dada por um livre pensador: «Religião é uma teoria que não pode ser posta em pratica.»

Não pode ser posta em pratica, acrescentava ele, por ser absurda e o absurdo é impraticavel.

Nas mais razoaveis opiniões sobre a vantagem da religião na sociedade, ha, a par com os mais formidaveis disparates, uma forte dóse de hipoteses inaceitaveis; o desaparecimento da religião como assunto de conversação nas altas rodas de nossa sociedade veio mais uma vez provar que a ausencia da religião é sempre benigna.

Para se persuadir uma pessoa, que tem ideias erroneas, que está indo mal em seu modo de pensar, não ha mais necessidade de longas e acaloradas discussões; basta unicamente que, a nosso favor, lancemos mão de factos, pois no dizer dos velhos apologistas — contra factos não ha argumentos.

Por esse meio bastante seguro para convencermos os espiritos mais intransigentes, chegamos sempre a resultados bastante satisfatorios.

Haverá algum meio mais barbaro de exterminio do que a guerra? De certo que não, e no entanto a religião tem produzido mais vitimas do que muitas guerras consecutivas.

A ignorancia é a companheira inseparavel do fanatismo e este tem por resultante o atrazo moral dos povos; na imensa escola da vida recebemos os mais puros ensinamentos que devemos aceitar e esses ensinamentos não implicam senão na ruina total da ideia religiosa.

Só a fraqueza moral é que pode implorar, nas horas de angustias, pela religião falsa e embaladora de ideias ainda mais falsas; os verdadeiros espiritos sofrem as mais crueis adversidade sem irem mendigar carinhos piégas nas futilidades religiosas.

E' preciso que todos nós nos compenetremos de que só ha uma religião verdadeira: a da Natureza; um só deus imutavel: o do saber.

Felix Auzemir.

Grupo Dramatico Anticlerical do Rio

Sabado, 6 de fevereiro, ás 20 1/2 horas, realizar-se-á um espectaculo de propaganda no salão do «Centro Galego», sito á rua Visconde do Rio Branco, 53, em beneficio da LIGA ANTICLERICAL DO RIO DE JANEIRO.

Programa: 1.º *O Exemplo*, drama social em 3 actos de Cezar Mendes; 2.º *O Pecado de Simonia*, a interessante comedia em 1 acto de Neno Vasco; 3.º Baile familiar.

Todos aqueles que não tiverem ingressos e que desejarem adquiri-los, poderão dirigir-se ao camarada Maximiano de Macedo, na séde da Liga, á rua do Areal, 38, todas as noites, das 20 ás 22 horas, ou na porta, no dia do espectaculo.

A degenerescencia dos testas coroadas

II

As raças riais degeneram pela incessante consanguinidade dos cruzamentos.

E a seguir o sr. dr. Julio Dantas apresentou um esquema, respondendo eloquentemente ás perguntas que formulou e no qual apresenta a marcha da degenerescencia na dinastia de Aviz, até á extinção da estirpe com D. Sebastião, misogino, epiletico, plagiocefalo, prognata inferior, crivado dos estigmas somaticos da casa de Austria, "con sospecha de inabilidad para tener hijos", dizia D. João da Silva, em carta a Filipe II, "demi-homme naturel", informava de Fourquevaux a Catarina de Medicis.

As raças riais degeneram pela acumulação da hereditariedade determinada pela incessante consanguinidade dos cruzamentos, agravada pela consanguinidade social e pelo fundo diatesico especial das familias dinasticas, acentuadamente bradítroficas, lentas nas mutações nustritivas, queimando pouco a vida, e, por conseguinte, intoxicadas, nevrosadas, predispostas.

O neuro-artritismo, diatese da rialeza, agrava-se pelos cruzamentos constantes dentro da mesma familia — dentro, por exemplo, dessa grande familia tragica que foi a rialeza europeia do seculo XIV ao seculo XVI; — somam-se taras similares; atenua-se progressivamente a resistencia fisiologica da descendencia, pervertem-se e exgotam-se as energias embriogenicas — e as raças riais, depois de produzirem nevrosados, imbecis, epileticos, loucos morais, idiotas infimos, acabam na esterilidade, em verdadeiros teratomas terminais.

O orador, seguindo as genealogias riais portuguesas desenvolvidas nos quadros esquematicos que apresenta, mostra como a estirpe de Bolonha, que dera em D. Pedro I um degeneradão gago, epiletico, crivado de psicopatias sexuais, se regenera pela intercorrencia salvadora duma bastardia celto-slava escura, plebêa, dando D. João I; como essa regenerescencia se acentua pelo cruzamento feliz com um veio germanico afastado (Filipe de Lencastre), produzindo uma descendencia ilustre, mas tarada, desequilibrada, doente — onde ha uma histerica que fabrica um delirio de ciume (a duqueza de Borgonha), um neurastenico profundo (D. Duarte), um prognata misogino e virgem (D. Henrique); como quatro cruzamentos consanguineos com os descendentes de Nun'Alvares comprometem progressivamente essa regenerescencia; como daí por deante, outros quatro cruzamentos consanguineos sucessivos com a descendencia de Joana, a Doida, entroncada na casa d'Austria, precipitam a degeneração da estirpe de Aviz e determinam a sua extinção.

Na descendencia de D. João III e de D. Catarina, filha de Joana, a Doida, a minima resistencia fisiologica dos produtos é manifesta: sete filhos são nado-mortos ou morrem de poucos anos; dos dois restantes, um, o principe D. João, morre de diabete precoce, a terrivel diabete dos adolescentes, aos 16 anos, depois de gerar D. Sebastião; o outro, a infanta D. Maria, casa com Filipe II e é mãe desse tristemente celebre principe D. Carlos, idiota, asimetrico, hidrocefalo, com um hombro mais alto e uma perna mais curta, crivado de estigmas psiquicos e somaticos de degenerescencia. A idiotia de D. Carlos e a epilepsia de D. Sebastião, extinguiram a familia. Do primeiro, dizia, numa carta confidencial, o embaixador de França em Madrid: "Nonobstant les recettes que ses medicins luy ont fait user pour le rendre habile d'épouzer femme, jamais il n'aura enfants, et il le sait bien".

Do segundo, o nosso D. Sebastião, afirmava o mesmo embaixador De Fourquevaux: "il est sans puissance d'homme".

O esquema da estirpe de Bragança é igualmente eloquente. A hereditariedade acumula-se nesta casa ducal, como em todas as familias dinasticas, pela consanguinidade constante dos cruzamentos em gerações sobre-postas. A partir do quarto duque, o celebre D. Jaime, evidentemente um epileptico, sofrendo "de acidentes que o obrigam a longas curaos", diz um biografo, "doliente del seso, cuys intervalos le fueron continuos, aora de subita colera, aora de interminable melancolia", acrescenta frei Rafael de Jesus — a casa ducal de Vila Viçosa desentranha-se numa verdadeira floração de debeis, de nevrosados e de loucos, que se vão cruzando sempre, sistematicamente, ou com Medinas Sidontas ou com primas co-irmãs.

A degenerescencia manifesta-se já na multiparidade frequente, coincidindo com a fraca resistencia fisiologica dos produtos: dos dez filhos do sexto duque e de D. Catarina, sua prima co-irmã, cinco são nado-mortos ou mortos de poucos anos; uma, a duqueza de Escalona, é uma histerica; tres morrem de tuberculose pulmonar antes dos 30 anos; só o primogenito, D. Teodosio, tipo admiravel de imbecilidade dinastica, atinge uma idade mais avançada; D. João IV, dolico-louco, como quasi todos os Braganças, mas grosseiro, obsceno, glutão, robusto, reminiscencia bastarda das arqui-avós plebéas, cruza-se ainda com uma Medina-Sidonia, doente, linfatica, sujeita a dermatoses. A descendencia é tipica: D. Teodosio, nevrosado, precoce intelectual, morre tuberculoso aos 19 anos; D. Joana tem horriveis ataques de histeria e morre duma hemoptise, aos 17; D. Catarina, rainha de Inglaterra, esteril, prognata, monstruosa, é o teratoma que os retratos celebres da Nacional Galery de Londres perpetuam; Afonso VI, hemiplegico, idiota terminal, ferido por uma poliomietite infantil, talvez impotente, é o desgraçado que o processo da Brichota tristemente revelou. D. Pedro II é o melhor dos genitos, mas sifiliza-se antes de gerar os filhos e morre, depois dum terciarismo visceral intenso, por motivo de um sifiloma pleuro-pulmonar.

ARCO-DA-ALIANÇA

é um elegante opusculo contendo sete sonetos de Raymundo Reis, todos inspirados pelo entusiasmo do autor pelas nações que na Europa combatem o perigoso militarismo clerico-teuto-austriaco.

O *Arco-da-Aliança* é vendido em beneficio da subscrição do *Correio Paulistano* pelas crianças belgas desamparadas e encontra-se nas melhores livrarias de S. Paulo, pelo insignificante preço de 500 réis cada exemplar.

MALA PERDIDA

Ao nosso companheiro viajante desapareceu, na Estação de Botucatú, uma pequena mala de mão; á pessoa que a tenha encontrado, pedimos o obsequio de remeter á nossa redacção 2 talões de recibos e 3 cadernos de apontamentos que a mesma continha, pois muito gratos lhe ficaremos.

Pequenos écos

Realizou-se no dia 16 do corrente o festival em beneficio do Gabinete de leitura do Belemzinho. O programa foi rigorosamente observado, salientando-se o Grupo Dramatico Nacional, o qual tem como ensaiador o sr. Mauricio Silva, no desempenho da sua tarefa.

O sr. Rodolfo de Noronha deixou boa impressão no auditorio com a conferencia que realizou sobre *As aves*.

Visita — Deu-nos o prazer da sua visita o nosso amigo e antigo correligionario sr. capitão José Leandro Kuntz, residente em Araraquara.

FESTA DE PROPAGANDA

Promovida pelo "Centro de Estudos Sociais da Bela Vista" realizar-se á uma festa de propaganda social, no dia 6 de fevereiro proximo, ás 8 horas da noite, no salão "Celso Garcia" sito á rua do Carmo, 39.

A festa constará de representação de um drama, quermesse e baile.

Todos os que quizerem ingressos podem dirigir-se á rua Conselheiro Carrão, 33, (Bexiga), com o sr. Rizzuto.

CENTRO LIBERTARIO

Este Centro realizará na proxima quinta-feira, 4 de fevereiro, ás 8 horas da noite, uma reunião para tratar de assuntos urgentes, que muito interessam a todos os seus socios e aos libertarios de S. Paulo.

Todos os que se interessam pela propaganda libertaria devem comparecer a esta reunião.

Séde: Rua do Riachuelo, 41.

FOLHETIM DA LANTERNA (48)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para 'A Lanterna'

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XX

Após o combate

comandados por um individuo que podia ser um preto, pois tinha a cara negra como a noite, mas que podia ser tambem um demonio, visto afirmar-se que tinha chifres, atacaram ontem a escolta do nobre marquez de Mondejar, mataram Sua Senhoria — que Deus guarde! — e raptaram D. Maria, sua filha. Mas Sant'Iago, descendo do céu, a cavalo e armado de ponto em branco, combateu e venceu esse preto ou demonio, que a terra logo tragou no meio de turbilhões de fumo.

Santafierno respirou: se assim eram desfigurados os factos por toda a parte, nao corria o risco de ser reconhecido. A narrativa do contador, aliás, não despertava incredulidade alguma, por mais maravilhosa que fosse. Milagres, que coisa havia mais corrente? Não se operavam eles todos os dias?

Um pouco tranquilizado, o filho de Torquemada sentiu que despertava o seu amor, por muito tempo comprimido, pelas cartas, ao ver uma mesa em torno da qual ardentes competidores se entregavam ás delicias dum jogo semelhante ao *hombre*. Sobre as suas entradas arriscavam algum dinheiro alguns apostadores, que os rodeavam.

Depois de ter estudado as fisionomias, Santafierno arriscou audaciosamente um ducado em favor daquele que lhe pareceu mais patife. Ganhou e continuou a apostar, sem querer cartas. Dentro de poucas horas, juntara uma bonita soma.

Passou o dia e a noite seguintes em Madrid, desejando, após algumas semanas de austeridade, retemperar-se na torrente dos prazeres profanos. Uma morena gitana, um pouco parecida com a Ines, deu-lhe o seu amor não desinteressado, por algumas horas.

Só depois de ter conscienciosamente sacrificado a Venus, Baco, Comus e outras divindades das menos rigoristas, é que Santafierno, montando de novo a cavalo, se pôs a caminho de Toledo. Se nele o corpo estava aliviado pela orgia, o espirito mantinha-se feroz, inalalavel no seu odio e nos seus projectos de vingança.

Em Ilesca, onde parou para passar a noite numa miseravel pousada, soube por um vigario que o marquez de Mondejar partira para Valhadolid, levando a filha, e que o cavaleiro João de Padilha regressara a Toledo.

Desta vez, Santafierno respirou á vontade: parecia afastado qualquer perigo imediato. Durante um momento, sentiu mesmo tentações de voltar directamente para o seu castelo, onde Olivar devia estar admirado da sua ausencia. Mas já agora, a menos de uma jornada de Toledo, mais valia ir até ao fim da sua viagem.

E no dia seguinte, aos ultimos lampejos do sol poente, fez a sua entrada na cidade pela porta de Madrid.

CAPITULO XXI

Um "auto sacramental"

A pouca distancia do famoso mosteiro de San Juan de los Reyes, o mais rico da velha cidade toledana, abria-se uma larga encruzilhada que estendia as suas multiplas arterias, orladas de ambos os lados por pobres casebros.

Era uma região de miseria, certamente, mas de miseria assoalhada e tambem de vida intensa: aquilo era populoso, sujo e pinturesco.

Numa daquelas arterias, onde formigavam em mistura crianças, cães e porcos, ao mesmo tempo que gitanas, descalças e de rosto tostado, se mesclavam mais do que noutra parte com a população castelhana, estendia-se uma especie de barraca ostentando á porta esta taboleta:

GRAN TEATRO TOLOSÁN Y LÓPEZ
AUTOS SACRAMENTALES
LA TENTACIÓN DE EVA

Aquele "Tolosán y López" não indicava, como podia parecer, um empresario unico, usando o apelido paterno e o materno ligados pela conjunção, á moda espanhola, mas sim uma directoria artistica em duas pessoas.

Essas duas pessoas, nossas conhecidas já, eram o trovador Rafael Tolosán e seu companheiro Pedro Lópes de Torrijos, momentaneamente separados pelo assalto ao castelo de Santafierno. O primeiro, continuando a sua viagem com Ines, que se tornara companheira sua, tinha-se dirigido para Toledo, após aventuras varias. Atracção fatal das grandes cidades sobre os necessitados filhos da Boemia e da Arte! Tolosán e Ines a custo teriam podido manter-se entre os aldeãos dispersos e miseraveis como eles, tanto mais que era contra a sua dignidade profissional prodigalizarem o seu talento diante de ignaros campesinos, incapazes de o apreciar.

Em Toledo, tinham Tolosán e Ines vendido as suas mulas, vendo-se assim de posse de um pequeno capital. Nesse momento preciso, tornou o acaso a pô-los, em presença de Pedro Lópes, que vinha tambem cair em Toledo. O falso peregrino estava sem dinheiro; mas tinha imaginação, e, tendo-o generosamente convidado para jantar os dois artistas, das suas três cabeças juntas surgiu á sobremesa uma ideia: a de reunir os seus talentos para ganhar a vida.

Tolosán era musico, dotado duma voz agradavel e duma mimica expressiva; Ines era bonita, dançava bem e possuia bastante memoria para sustentar o seu papel; Pedro López, esse não era bonito, nem musico, nem dançarino, mas tinha imaginação. Sabia improvisar narrativas no gosto da época, tanto mais que se servira dessa facilidade de improvisação para subsistir. Sentira mesmo comichões de escrever, por varias vezes.

Pois bom: Lópes escreveria peças, pelo menos desses *autos sacramentales* analogos aos velhos "misterios" de França, Tolosán e Ines representa-los-iam. O proprio López, ao mesmo tempo autor e actor concorreria para a representação

UMAOBRA IMPORTANTE

Já foi anunciada na *Lanterna* a ideia da publicação da obra de H. Ch. Leu: «Historia da Inquisição na Idade Media», vertido para o portuguez pelo nosso camarada dr. José Oiticica.

Não é necessario insistir sôbre o valor dessa publicação. Ela põe nas mãos dos anticlericais, dos livres-pensadores, dos estudiosos da historia, o melhor, o mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. E' um repositorio admiravel de factos autenticos onde poderá qualquer pessoa aurir episodios eloquentes, aterradores, da acção social da Igreja no concernente á luta contra os herejes.

Essa obra é um elemento formidavel de campanha anticlerical e de estudo da historia.

A sua publicação constituirá um grande passo na propaganda livre-pensadora do Brasil.

A obra será publicada em fasciculos de 60 paginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permitirá á Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. Para o primeiro fasciculo é mister obter pelo menos tres mil assinaturas.

Contamos com o auxilio dos livre-pensadores e anticlericais do Brasil.

Cada companheiro pode tomar dez assinaturas por 2$000, tendo direito ao primeiro volume de 600 paginas pronto para encadernar. E' facultado a qualquer tomar o numero de assinaturas que entender.

Os companheiros devem ter em mira que, quanto maior for o numero de assinaturas tomadas mais depressa será publicado o primeiro fasciculo.

A Liga Anticlerical aceita, desde já, os pedidos, devendo cada companheiro enviar o seu nome, endereço e o numero de fasciculos que assina.

Toda a correspondencia e pedidos de assinaturas, assim como dinheiro, devem ser endereçados ao companheiro MAXIMIANO DE MACEDO, RUA SETE DE SETEMBRO, 59, SOBRADO, RIO DE JANEIRO.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldema Carvalho, Ladeira 56-A;

Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;

Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;

Em Bagé — Amantino O. Santos

Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A «LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32.

Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.

Avenida Passos, 122, engraxate.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Largo da Carioca, 20, com o sr. Paschoal Trote.

Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva illustração em tricomia.

Um volume de 112 paginas, 1$700.

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados das respectivas importancias.

Alegoria com o retrato de Francisco Ferrer, a	1$000
Retratos de José Nakens, cada um a	1$500
Uma duzia de postais anticlericais	1$200

EM PORTUGUEZ

Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1º e 2º Congressos Operarios Brasileiros	1$200
Cantos Sociais (diversos autores)	$200
Almanaque de "A Aurora", para 1913	1$000
Almanaque de "O Livre Pensador"	$800
Marco A. Panette, "Giordano Bruno»	$200
Pedro de Melo, «Sonho dantesco»	$200
Domingos Zapata, «As 67 celebres perguntas»	$200
I. A. Betoldi, "O Livro da Verdade"	$500
José Augusto de Castro, "Mensageiro da morte" (Poema anti-jesuitico)	$100
Ex-padre Guilherme Dias, «O que é o celibato»	$200
Natanael Pereira, "A educação religiosa»	$200
Eugéne Pelletan, «A Inquisição»	$200
Dr. N. Rouby, «O Sagrado coração de Jesus»	$200
Monsenhor Silvestre de Chateaurenard, «O celibato»	1$200
Eliseu Reclus, «Evolução, Revolução e Ideal Anarquista»	1$500
Luiz Bulfi, «Greve de Ventres»	$200
Brito Bitencourt, «Catecismo ateu»	$200
José Rizal, «Noli me tangere»	$600
Saturnino Barbosa, «Ensaio de critica racionalista»	1$000
Errico Malatesta, "Programa socialista-anarquista-revolucionario"	$100
» » «Entre camponeses»	$200
Neno Vasco, «Da Porta da Europa»	2$500
» » «Giórgicas» (ao trabalhador rural)	$100
B. Peres Galdós, «Electra» (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, «O Papa Negro»	2$000
Carlos Dias, "Semeando para colher"	$200
Guerra Junqueiro, "A velhice do Padre Eterno"	2$000
Pedro Kropótkine, "O comunisco anarquico"	$200
Chacon Siciliani, "Mentiras Divinas" (cartas aos crentes)	1$700
Adolfo Lima, "O ensino da Historia", 1 fol. de 63 pag.	$700
" " "O Teatro na Escola"	$400

EM ESPANHOL

Francisco Gica, "Lo que entiendo por libre pensamiento"	$300
Por varios autores, "El romance anticlerical" (primeiro tomo)	$300
Pey Ordéix, «El pueblo á la aristocracia"	$300
Ramon Chies, "A una madre"	$300
Potvin, "La democracia y la Iglesia"	$300
Edmundo Gonzalez, "La libertad de enseñanza"	$300
Por varios autores, "Sonetos Piadosos"	$300

EM FRANCEZ

Jean Grave, "Si j'avais á parler aux electeurs"	$100
André Girard et M. Pierrot, "Le parlamentarisme contre l'Ation Ouvriére"	$100
Pedro Kropotkine, "Le Salariat"	$200
E. Malatesta, "Entre paysans"	$300

EM ITALIANO

Romanzo di una donna, "Angelo Longeretti"	1$500
Alceste de Ambris, "L'Argentina e l'Imgrazione Italiana"	$300
Antonio Labriola, "Del Socialismo"	$400
Gaetano Zibordi, "La historia de Federico"	$400
Um laico, "La politica eclesiastica in Italia"	$300
Giovanni de Nava, "Delinquenza e misticiomo"	$200
P. Guarino, "Sole a scacchi"	$400
Luigi Campolonghi, "Azione sindacale"	$300
G. Stiavelli, "Il Primo Maggio nella letteratura"	$400
G. D'Amato, "Ai ragazzi felice"	$200
Paul Adam, "Il figliuol prodigo"	$200
Francesco Pucci, "Il dovere de organizzarci"	$200
F. Nicolini, "Il pane gratuito"	$200
Maximo Gorki, «Interviste"	$600
" " "Il compagno"	$200
Eliseu Reclus, "I podrotti dell'industria"	$200
" " "I prodotti della terra"	$200
Leda Rafanelli, "Alle madre italiane"	$200
Paul Lafarga, "Il diritto all'ozie"	$200
Dott. G. C. C., "Guerra all'alcool"	$200
G. Pozzi, "Favole ed apologhi socialista"	$200
Oreste Ristori, "Polemiche sull'Anarchia"	$300
" " "Operai non bevete!"	$100
Pietro Kropótkine, "L'agricultura»	$200
E. De Amices, "Il socialismo e l'egualianza"	$100
" " "Consigli e moniti"	$100
E. Vondervelde, "Le cittá Piovre"	$300
Costa Andrea, "Un sogno"	$100
" " "Il socialismo"	$100
C. Monticelli, "Il primo giorno del socialismo"	$300
" " "Lo sciopero"	$100
E. Ciacchi, "Ai contadini"	$100
" " "Le nostre leghe"	$100
Dott. Biel, "Il socialismo per tutti"	$100
O. G. Viani, "Abbecedario dell'economia sociale"	$200
G. Renard, "Agli studente"	$100
Leopoldo de Fazio, "Canzone vegetale"	$300
A. Valente, "Conferenze socialiste"	$300
G. Paoloni, "Primo Maggio"	$100
B. Carlantonio, "Le istituzione e la morele"	$100
Feari e Ciccotti, "Contro la marina militare" (discorsi)	$300
" " "Per la ricuzione delle spese militari"	$300
Resoconto del 1º Congresso dei lavoratori della terra	$200
Avv. Emilio Bossi, "Gesù Cristo non è mai esistito"	2$000
Almanacco della Rivoluzione (1909)	1$000

CAROLISMO AGUDO

Cura-se com duchas semanais da "Lanterna"

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitattvos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Oriente, 166 a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

***

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — ***leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.***

—

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR"

Orgam da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inqueritos, relatorios e noticias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se tambem da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5$000; 1 semestre, 3$000. Pacotes, a 50 reis o exemplar

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pede-se a reprodução desta publicação aos jornais amigos do paiz)

O Sagrado Coração de Jesus

E' um folheto de indiscutivel interesse para a propaganda anti-clerical. Nele se descrevem com perfeição as alucinações histericas daquela pobre doida que se chamou Maria Alacoque

PREÇOS

Um exemplar	$200
10 exemplares	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

Preço, livre de porte, 2$500.

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar	200
10 exemplares	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

Os pedidos devem vir acompanhado das respectivas importancias.

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livres do porte do Correio

500 exemplares	60$000
300 » »	48$000
100 » »	14$000
50 » »	7$000
Avulso	200

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.



NO PAIZ DOS FRADES
DE JOSE' RIZAL
UM VOLUME DE 134 PAGINAS $600

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

LA BATAILLE SYNDICALISTE

10, BOULEVARD MAGENTA — PARI

Interessante diario sindicalista revolucionario.

Colaboradores: Merrheim, Monatte, Harmel, Roudine, F. Delaisi, James Guillaume, Malato, Laisant, S. Faure Madalena Vernet, Griffuelhes. Jouhaud, Yvetot, Vigné d'Octon, etc.

Um ano	31 francos
Meio ano	16,50 »
3 mezes	9 »